Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19

DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493

ISSN: 2177-2894 (online)

CIÊNCIAS HUMANAS

Representações Plurais de Masculinidades Juvenis: narrativas de jovens do Rock, Rap e K-pop do sul do Brasil

***Plural Representations of Youthful Masculinities**: what young people from Rock, Rap and K-pop in southern Brazil say*

Mauricio Nazarete Lopes[1]
https://orcid.org/0009-0005-1482-892X http://lattes.cnpq.br/1963019164892465

Paula Regina Costa Ribeiro[2]
https://orcid.org/0000-0001-7798-996X http://lattes.cnpq.br/0516745823012105

Juliana Ribeiro de Vargas[3]
https://orcid.org/0000-0002-2959-7889 http://lattes.cnpq.br/2953663127121446

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, investigar representações de masculinidades contemporâneas visibilizadas por narrativas de sete homens jovens, os quais se descrevem como pertencentes às culturas relacionadas aos estilos musicais do K-pop, rap e rock. A partir dos Estudos Culturais pós-estruturalistas compreendemos como cultura toda manifestação de um grupo humano, o que significa entender os diferentes estilos musicais enquanto dimensões culturais. Como estratégia metodológica, valemo-nos das entrevistas narrativas, que foram realizadas de modo virtual, por meio de ferramentas que permitiram a execução de videochamadas. Nas narrativas dos jovens, foi possível constatar um distanciamento das representações de masculinidades "tradicionais/hegemônicas". Essas diferentes representações, por sua vez, buscam outras formas de representações plurais/dissidentes/*queers*. Destacamos que, mesmo que os diferentes estilos musicais mencionados visibilizem determinadas posturas como representativas da masculinidade, os jovens do estudo (re)constituem significados e (re)definem, a partir da pluralidade, o exercício da masculinidade.

Palavras-chave: Masculinidades; Estudos Culturais; Narrativas; Culturas Juvenis; Estudos de Gênero.

[1] Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande/RS – Brasil. E-mail: mauricionazarete@gmail.com

[2] Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande/RS – Brasil. E-mail: pribeiro.furg@gmail.com

[3] Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS – Brasil. E-mail: julivargas10@hotmail.com

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19

DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493

ISSN: 2177-2894 (online)

ABSTRACT

In this article, we intent to problematize the dimensions of different musical styles and the (re)constitution of masculinities by young subjects (men). Thus, we aim to investigate representations of contemporary masculinities made visible by the narratives of seven young men who describe themselves as belonging to cultures related to the musical styles of K-pop, Rap and Rock. We understand culture as every manifestation of a human group, which means understanding different musical styles as cultural dimensions. As a methodological strategy, we used narrative interviews, which were carried out virtually, using tools that allowed video calls to be made. In the narratives of the young people, it was possible to see a distancing from representations of "traditional/hegemonic" masculinities and that sought other forms of plural/dissident/queer representations. As results, we highlight that, even the different musical styles mentioned make visible certain postures as representative of masculinity, young men (re)constitute meanings and (re)define, based on plurality, the exercise of masculinity.

Keywords: *Masculinities; Cultural Studies; Narratives; Youthful Cultures; Gender Studies.*

1. APONTAMENTOS INICIAIS

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola
(Legião Urbana - Geração Coca-Cola, 1985)

Valemo-nos dos versos da música Geração Coca-Cola para visibilizar a aproximação entre as culturas juvenis, a música e a própria constituição dos sujeitos jovens, temáticas que, em alguma medida, buscamos problematizar nesta escrita. A referida música faz parte do primeiro álbum da banda Legião Urbana, lançado em 1985 e parece retratar uma juventude insatisfeita com as condições de vida impostas pelo Regime Militar, que estava, naquele momento, chegando ao fim em nosso país.

Assim como buscamos demonstrar, com a epígrafe escolhida, compreendemos que diferentes estilos musicais podem fomentar, a partir das perspectivas teóricas pós-estruturalistas, a própria constituição dos sujeitos e dos seus modos de ser e viver. A partir dessa premissa, ancorados nas perspectivas teóricas dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero e das Masculinidades, pretendemos, problematizar as dimensões de diferentes estilos musicais, as quais produzem a (re)constituição de masculinidades por sujeitos (homens) jovens. Desse modo, temos o propósito de investigar representações de masculinidades contemporâneas visibilizadas por narrativas de jovens que se descrevem como pertencentes às culturas relacionadas aos estilos musicais do *K-pop*[4], *rap*[5] e *rock*[6].

[4] K-pop é uma abreviação do nome *koreanPop.* Trata-se de um estilo de música que teve origem na Coréia do Sul e tem uma mescla de ritmos do pop, rap, jazz, rock e da música eletrônica.
[5] O rap é uma abreviação da palavra inglesa *rhyme and poetry* (rima e poesia), é um estilo musical que se constitui como um dos pilares da cultura do *hip hop*, sendo esse o pilar musical.
[6] O rock é um estilo musical que surgiu no final da década dos anos 1940 e início dos anos 1950 nos Estados Unidos, com raízes nos estilos musicais do *blues, R&B* e *jazz*. Desde o seu surgimento, ele se desenvolveu em diversos "subestilos" musicais, como o *classic rock, punk rock, heavy metal, hardCore*, entre outros.

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

Importante referir que esse texto constitui um recorte de uma investigação maior, finalizada, na qual tinha, como objetivo, problematizar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais anteriormente citados. Neste texto, apropriamo-nos do conceito de cultura em consonância com campo dos Estudos Culturais em Educação, na vertente pós-estruturalista, distanciando-nos das definições de alta e baixa cultura. Logo, compreendemos que "todas as manifestações significativas para os distintos grupos sociais podem ser compreendidas como produções culturais." (Vargas, 2015, p. 30).

Segundo destaca Stuart Hall, (1997) as tecnologias de comunicação e informação contribuem para os processos de produção, circulação e troca cultural entre os indivíduos de um mesmo grupo social e entre distintos grupos. A expressão *centralidade da cultura* representa a dimensão assumida pelas produções culturais na contemporaneidade. Isso ocorre por estar presentes na vida de todos os sujeitos sociais, pois "[a cultura] penetra em cada recanto da vida social contemporânea [...] mediando tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam [...]" (Hall, 1997, p. 22) sendo (re)produzida e (re)significada continuamente[7].

A partir dessas concepções, entendemos que é também por meio da cultura que ocorre a aproximação ou a distinção entre os grupos e/ou os indivíduos durante os processos de sociabilização. Nesse sentido, sabemos que marcadores, sociais como as diferenças de classe, de gênero, sexualidade, geração e de etnia, também se constituem e são articulados no âmbito cultural. Dessa maneira, os significados culturais possuem efeitos de realidade e acabam por regular as práticas sociais. Conforme Maria Laura Moraes (2019, p. 169), "o reconhecimento do significado faz parte do senso da nossa própria identidade, através da sensação de pertencimento.".

Nesse viés, a linguagem funciona como sistemas de representações (Hall, 1997), os quais são constituídos por intermédio de discursos que estão sendo produzidos e reproduzidos através de redes de significações presentes em conversas de rodas de amigos/as, em sala de aula ou salas de trabalho. Além dessas formas, podemos encontrar essas significações em artefatos culturais que circulam nas imagens e nos vídeos a que assistimos ou, ainda, em artefatos que escutamos em músicas e videoclipes, lemos em documentos e livros, assim como, mais recentemente, encontramos em publicações de que compartilhadas em redes sociais.

Para Hall (2002), é no decorrer do que fazemos, ouvimos, pensamos, dizemos e sentimos – como representamos – que produzimos os significados. Assim, através do modo como interpretamos os objetos, as pessoas e os eventos é que conferimos esse sentido a essas representações, ou seja, por meio da forma que as utilizamos ou as integramos em nossas práticas sociais. Nesse sentido, as representações culturais são produzidas via um processo de construção de significados, os quais estão para além de descrevê-los ou apresentá-los. Logo, as representações ativamente acabam por produzir os grupos, as pessoas, suas identidades e a cultura de que falam (Santos, 1997). Dito isso, as representações culturais são construídas com base nos discursos que estão conectados a uma rede de significados, instituídos e colocados em circulação através das linguagens ou, segundo Tomaz Tadeu Silva (2011, p. 32) menciona: "as formas pelas quais esse "real" e essa "realidade" se tornam presentes para nós representados".

[7] O destaque é feito pelo autor.

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

Na sequência desta apresentação, destacamos, de modo breve, as dimensões de determinados estilos musicais e das culturas juvenis por eles motivados, com o intuito de apresentar fatores que operam sobre a (re)constituição das masculinidades dos sujeitos jovens homens. Em seguida, apresentamos os caminhos metodológicos, os sujeitos participantes da pesquisa e analisamos suas narrativas, que emergiram a partir de entrevistas. Por fim, encerramos essa escrita destacando os modos como os jovens entrevistados vêm (re)constituindo suas masculinidades.

2. ESTILOS MUSICAIS E CULTURAS JUVENIS

De acordo com Carles Feixa (1999) e Luiz Antonio Groppo (2016), diferentes estilos musicais, como expressão de cultura e identidade de diferentes grupos sociais, colaboraram, também, para a constituição da juventude como categoria social, em especial, no período pós-guerras. Foi no decorrer desse período que houve o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, como o rádio e os discos de vinil, os quais possibilitaram a música ser um dos principais elementos que contribuíram para a aproximação/conexão dos/as jovens em diferentes lugares geográficos do planeta. Na concepção de Dayrell (2007), a dimensão cultural promovida pela música opera como espaço de constituição das identidades juvenis. Isso se dá por meio das práticas, dos símbolos e dos rituais compartilhados entre os pares e, muitas vezes, visibilizados nos próprios corpos dos jovens, a exemplo das tatuagens e dos *piercings* que esses ostentam. Como veremos adiante, podemos pensar que a própria (re)constituição de masculinidade pode valer-se ou tensionar símbolos representativos de diferentes estilos musicais – como uso de determinadas roupas, cores, cortes de cabelos e maquiagem.

Durante o período pós-guerras, ao longo dos anos de 1950, diferentes movimentos juvenis foram impulsionados pelos estilos musicais da época, como os *rockers*, *bikers* e *teds* (Feixa, 1999; Groppo, 2016), os quais se constituíram como manifestações distintas da cultura, ou seja, marcaram diferentes expressividades das juventudes em diferentes momentos históricos. Contudo, autores/as como Feixa (1999), Juarez Dayrell (2002) Groppo (2016), Manuela Belen Calvo (2020) apontam, em seus estudos, uma maior presença de homens em manifestações relacionadas a determinados estilos musicais, como no *rock* e no *rap*, estilos populares entre os jovens participantes de nosso estudo. Dessa forma, parece-nos profícua a problematização das masculinidades de jovens que se sentem pertencentes aos referidos estilos musicais e, ainda, ao *K-pop*, uma vez que tal gênero musical vem agregando inúmeros fãs, em diversos países, na atualidade. Segundo destacamos anteriormente, nesse estudo, voltamos nossos olhares para os estilos musicais *rock, rap* e *K-pop* em articulação com a produção das masculinidades e, por essa razão, apresentamos brevemente, cada um desses estilos.

O *rock* foi um dos estilos musicais que mais contribuiu para a consolidação da juventude enquanto categoria social (Hall; JefferSON, 2014). Desde a sua origem, datada da década de 1950, esse estilo musical atravessa fronteiras geográficas, alcançando diferentes locais do planeta (FEIXA, 1999; GROPPO, 2016). Ao longo dos anos, principalmente nos países ocidentais do Hemisfério Norte, foram surgindo novos "subestilos" musicais dentro do próprio rock, a exemplo do *heavy metal, classic rock, hard rock, glam rock, rock progressivo, pop rock, punk rock, hardcore, emo rock, rock brasil, samba rock,* entre outros. Jeder Janotti Junior (2003) discute a respeito da dificuldade em se delinear as

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

fronteiras entre esses vários estilos musicais presentes na cultura juvenil do *rock*, assim como entre o próprio rock e os demais estilos musicais. De acordo com o autor (2003, p. 24), "a ideia de rock é um espiral textual que envolve a formação dos sentidos e os investimentos afetivos, moldando assim o que vem a ser rock para certos fãs, mas é inaceitável para outros". Apesar de as mulheres passarem a estar presentes, no *rock*, em especial, posterior aos anos de 1970, a pesquisadora Cristiane Pawlowski (2013, p. 60) destaca que, por mais que "as características do movimento *rock* carreguem ideias de liberdade, de igualdade, de contestação e ruptura com o sistema político e cultural dominante, o rock delineia-se como um universo artístico e musical predominantemente masculino".

Também o protagonismo dos homens pode ser visibilizado nas primeiras manifestações do movimento cultural do *hip hop*. No que se refere a esse estilo musical, o *rap* é um de seus pilares constituidores, juntamente com a discotecagem (DJ), o break (dança) e o grafite (Dayrell, 2002). Analisando sob uma perspectiva mais atual, Ana Carolina Marques e Ricardo da Fonseca (2020, p. 35) destacam que: "O movimento *hip hop* e o *rap* ainda são compostos predominantemente por homens e os conteúdos de diversas rimas reforçam os discursos machistas e que objetificam as mulheres". O termo *rap* é proveniente da expressão *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). Ele é um estilo de música que busca articular a tradição ancestral dos povos africanos que foram para as Américas com as tecnologias de áudio, que estavam presentes em Chicago e Nova Iorque, nos Estados Unidos, em meados dos anos 1970. Conforme Dayrell (2002, p. 126), o rap acaba "produzindo um discurso de denúncia da injustiça e da opressão a partir do seu enraizamento nos guetos negros urbanos.".

Como destaca o autor (Dayrell, 2002), a organização de eventos a baixo custo, para divulgação dos artistas e de suas composições e, atualmente, o acesso facilitado às redes sociais, são fatores que colaboraram para a proliferação de grupos de *rap* nas periferias urbanas brasileiras. Dessa maneira, essa produção criativa cultural, proporcionada pelo *rap* e pelo movimento *hip hop*, instiga os/as jovens a questionarem acerca de contextos sociais e amplia o repertório de símbolos culturais, os quais, igualmente, contribuem para a (re)constituição de suas masculinidades.

O terceiro estilo musical investigado, neste estudo, o *K-pop* (korean pop), é oriundo das culturas sul-coreanas, sendo um dos últimos movimentos juvenis de massa a chegar ao Brasil. Ele é um estilo musical constituído a partir de misturas de ritmos popularmente conhecidos no ocidente, como as músicas *pop, rap, rock, dance* e eletrônica, além de apresentar uma estética de videoclipes e moda próprios. Em se tratando desse estilo musical, um marco da música sul-coreana, em nosso país, foi a música *Gangnam Style*, do artista Psy. O videoclipe dessa canção foi o primeiro de origem da Coreia do Sul a conquistar a marca de mais de dois bilhões de visualizações no *Youtube* (Souza, 2015).

Posteriormente ao surgimento do cantor Psy, o grupo BTS se tornou mais um fenômeno mundial do *K-pop* (Santana; Santos, 2019; RoBASKI, 2019). O nome do grupo significa, em coreano, *Bangtan Sonyeondan*, o qual, em uma tradução para o português, significa "escoteiros a provas de balas". Segundo Alejandra Barrera Ugarte (2020), o *K-pop,* através de suas boy-bands, proporciona ao mundo uma variedade de personalidades e diferentes representações de masculinidades, que podem ser desde fofo, engraçado, despreocupado, quase infantil, até áspero, sensual e sugestivo. Os grupos musicais desse gênero buscam uma aproximação da ideia de masculino ligada à dança, sendo extremamente enérgica e, por vezes, danças sensuais. Entretanto, também há representações de

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

masculinidades juvenis, entre os artistas sul-coreanos, em que se apresentam homens masculinizados, fortes e viris. Ugarte (2020) relaciona essas práticas às influências do *hip hop* e do *rap,* como a dança *break,* nessas representações.

3. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS MASCULINIDADES

A fim de problematizarmos a produção das masculinidades juvenis, é importante situarmos as discussões sobre esse campo teórico. A emergência dos estudos das masculinidades se deu na década de 1970, momento em que a masculinidade começou a aparecer não mais como um tema secundário, associado a outros interesses de pesquisa, mas como um campo produtivo para se pensar e problematizar os significados culturais que começaram a ser produzidos acerca dos homens (Oliveira, 2004; Herrera, 2006).

Entre as diferentes noções teóricas originárias dos estudos das masculinidades, a teoria da masculinidade hegemônica foi uma das mais difundidas entre as pesquisas nesse campo (Connell, 1995; Connell; Messerschmidt, 2013; Brito, 2021). A pesquisadora australiana Raewyn Connel (1995) inovou ao nomear a masculinidade hegemônica como uma dinâmica cultural em que os homens exigiam e buscavam manter uma posição de liderança nas sociedades ocidentais. Segundo ela, faziam uso de práticas de legitimação do patriarcado, submissão das mulheres, atuando na hierarquização entre os próprios homens. Com isso, eram constituídas representações de masculinidades tidas como subalternas, cumplices, marginalizadas e subordinadas (Brito, 2018).

Nesse sentido, nos últimos anos, emergiu um debate contemporâneo sobre a chamada masculinidade tóxica, que está relacionada aos modos normativos de "ser homem", que, conforme João Gabriel Portilho e colaboradores (2020, p. 1), "é uma enunciação contemporânea muito próxima aos sentidos da teorização da masculinidade hegemônica". Essa hegemonia, por sua vez, atua desde cedo na educação de meninos e jovens, tornando-se maléfica aos próprios homens ao gerar desequilíbrio e desordem emocional para eles nas relações sociais (Castro, 2018; Portilho, 2020).

A partir das teorizações das masculinidades hegemônicas, tais estudos abriram caminhos para que demais pesquisadores/as do campo das masculinidades produzissem trabalhos em que investigam e relatam diferentes formas de masculinidades. Segundo Antônio Carlos de Oliveira e colaboradores (2023, p. 1), existem formas plurais de masculinidades. Desse modo:

> Observada tal multiplicidade – em contraposição a traços rígidos historicamente associados a uma única forma masculina de estar no mundo –, importa conhecer, descrever, significar e explorar expressões/produções de masculinidades em suas diversas dimensões e manifestações, em interface com outros importantes marcadores sociais, como classe social, raça, sexualidade, geração, origem e pertencimento territorial, dentre outros.

Dessa forma, ao buscar investigar representações de masculinidades juvenis através das narrativas dos jovens em nosso estudo entrevistados, entendemos que há a possibilidade de se encontrar diferentes produções de ser masculino, que podem variar de acordo com seus contextos sociais e culturais. A partir dessa compreensão, de que há uma pluralização de masculinidades presentes na sociedade, encontramos pesquisadores/as que têm apresentado teorizações a respeito dessa temática no que tange às culturas juvenis.

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

Relacionados às masculinidades encontradas no *rap*, temos os trabalhos de Daniel dos Santos (2017), Eliane Cristina Brito de Oliveira (2017) e Vitor Morais Gomes (2019), nos quais são abordadas as masculinidades negras em videoclipes, o *gangsta rap* e as masculinidades negras e o homem negro e as masculinidades subalternas no rap, respectivamente. Já no referente às masculinidades no *rock*, temos os trabalhos de Cristiane Pawlowski (2013), Leonardo Turchi Pacheco (2017), Manuela Belen Calvo, (2020), os quais apontam e discutem algumas representações de masculinidades na cultura juvenil, tais como aproximações com representações de masculinidades tóxicas e hegemônicas e representações de masculinidades alternativas. Por fim, em relação às pesquisas que investigam as masculinidades no *K-pop*, já citamos, anteriormente, o trabalho de Alejandra Barrera Ugarte (2020). Nesse estudo, ela menciona que, nesta cultura juvenil, há representações juvenis que buscam distanciamento das lógicas de essencialismo binário, como formas experimentação de elementos andrógenos sem serem julgados por outros participantes de determinada cultura.

Buscando seguir nessa linha de distanciamento de essencialismos binários, Leandro Teófilo de Brito (2021) vem propondo um construto teórico para a masculinidade *queer*, subsidiado nas discussões da filósofa Judith Butler e de Jacques Derrida, para a interpretação de significações do masculino no contexto do esporte brasileiro. Assim, para esse autor, a masculinidade *queer* se traduz como um "horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino" (Brito, 2021, p. 10), proporcionando identificações inumeráveis às performatizações/representações de masculinidade.

A perspectiva da masculinidade *queer* se refere às aproximações com as representações de gênero e sexualidade dissidentes, as quais são caracterizadas pelas formas de ser e de estar no mundo a partir de modos que desviam das normas (cis)heteronormativas (Ruani *et al*., 2021). Assim, as masculinidades que representam/performam as formas dissidentes, buscam esse distanciamento do referencial idealizado para lógica binária das sociedades. Conforme Ruan Ruani e colaboradores (2021), "apresentar uma masculinidade, nesta perspectiva, é muito mais do que dizer-se homem; é também trazer para o discurso aspectos constituintes das masculinidades que fogem aos padrões (cis)heteronormativos".

4. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS – A ENTREVISTA NARRATIVA E OS PARTICIPANTES

Para o desenvolvimento desta pesquisa, empregamos, como forma de produção de dados, a metodologia de entrevistas narrativas por entendê-las como práticas sociais que constituem os próprios sujeitos. Segundo as pesquisadoras Dárcia Amaro Ávila e Paula Regina Costa Ribeiro (2015, p. 121), "é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos constroem tanto os sentidos de si, quanto os dos outros e dos contextos em que estão inseridos."

Para Sandra Andrade (2012), as entrevistas são nomeadas de entrevistas narrativas em decorrência de que, durante elas, elementos como falas, gestos e atitudes também são compreendidos como narrativas. Além disso, conforme a autora: "Nelas cada um/a dos/as entrevistados/as pode narrar a si num atrelamento de suas histórias escolares com suas histórias de vida, pois aprendi, como pesquisadora, que não há como falar de uma história sem ouvir a outra" (p. 192). Dessa forma, essa

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

metodologia nos possibilita um aprofundamento de investigações, tornando possível a compreensão dos sentidos e significados que os jovens produzem a respeito das masculinidades. Contudo, precisamos ressaltar que, ao questionar os entrevistados, não buscamos investigar as "verdades" presentes em suas falas, mas sim alcançar um olhar para quais significados permeiam as narrativas.

Para contatar os participantes do estudo[8], utilizamos as redes sociais de um dos autores deste estudo, acionando uma busca por amigos que fossem seguidores e membros de páginas e grupos que tinham, como temática, os estilos musicais do *k-pop*, *rap* e *rock*. Ademais, eles deveriam ter, como origem geográfica, a cidade do interior do RS na qual reside o referido autor. Para a escolha dos entrevistados, foram definidos alguns critérios, a saber: possuir entre 18 e 29 anos e se sentir pertencentes às culturas juvenis do rock, rap e *K-pop*. O recorte de faixa etária foi definido a partir da legislação brasileira, o Estatuto da Juventude (2013). A partir desse contato, sete participantes dispuseram-se a participar da pesquisa, sendo dois participantes identificados com o *rock,* três com *r*ap e dois com o estilo *K-pop*.

Após o aceite em participar do estudo, os participantes responderam a um questionário prévio, acerca de questões gerais (idade, pertencimento étnico racial, classe social e preferências musicais). Posteriormente, realizamos as entrevistas narrativas de forma *online*. A pesquisadora Jeane Felix (2012, p. 149) pontua que "as entrevistas narrativas online se configuram como uma estratégia metodológica potente para quem deseja realizar pesquisas com jovens (mas não somente com eles/as)". Segundo, ainda, a autora, trata-se de uma metodologia com bastante espaço a ser explorado, (re)criado e adaptado, já que possibilita acessar pessoas de diversos lugares, permite diversas possibilidades de horários e dias, além de favorecer o anonimato dos/as informantes que assim o desejarem. As entrevistas ocorreram por intermédio de videochamadas com o uso da plataforma *Google Meet,* uso de mensagens de texto e áudio das plataformas *WhatsApp* e *Instagram*.

Com o intuito de atender o objetivo deste trabalho, fizemos um recorte de questões presentes nas entrevistas e selecionamos os seguintes questionamentos: a) Como você vê a participação das mulheres e dos homens no estilo musical sua de preferência? b) Você acha que esse estilo musical acaba influenciando ou impondo alguma regra/norma de ser homem na vivência do estilo musical? c) Você considera que as músicas influenciaram na sua constituição enquanto homem jovem e consumidor dessa cultura juvenil?

A seguir, apresentamos nossos entrevistados através de uma tabela (Tabela 1), que foram identificados por codinomes a partir de suas próprias indicações de artistas de suas preferências, além de apresentar algumas características deles, tais como: idade, classe social, escolaridade, etnia, sexualidade e religião.

[8] Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, cabe destacar que a investigação foi submetida à Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética da (nome da universidade e nº foram suprimidos).

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

Tabela 1. Entrevistados

Codinome	Idade	Classe Social	Escolaridade	Cor/Raça	Sexualidade	Religião
Serj Tankian	29	Classe Média	Ensino Superior Completo	Branco	Heterossexual	Ateu
Slash	29	Pobre	Ensino Superior Completo	Branco	Heterossexual	Agnóstico
Criolo	27	Classe Média	Pós-Graduado	Branco	Homossexual	Cristão
Zudizilla	25	Classe Média Baixa	Ensino Superior Incompleto	Branco	Heterossexual	Umbandista
Djonga	25	Classe Média	Ensino Superior Incompleto	Negro	Heterossexual	Ateu
Siha	20	Pobre	Ensino Médio Incompleto	Negro	Bissexual	Umbandista
Hyunah	20	Pobre	Ensino Médio Completo	Branco	Homossexual	Agnóstico

Fonte: Arquivo Pessoal

5. REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES JUVENIS EM ESTILOS MUSICAIS: PLURAIS/DISSIDENTES/QUEERS

> *Eu acho que muita gente acaba e provavelmente eu também, acabou nesse estilo por reforçar a masculinidade. Ele questiona algumas questões que podemos dizer de hegemonia, como questão de aparência e de como se portar e tal. Mas o cerne é esse, no máximo que eles podem dizer que pegam é algumas questões e amplificam a questão do macho, do eu sou forte e amplifica. A questão do eu não deixo ninguém se meter no meu caminho que eu atropelo e tal. É tendendo, dependendo da atitude que tem dentro do estilo. Que é tipo coisa que é esperado no homem, coisa que ele contenha. Porque tirando a aparência que no caso tem o cabelo comprido que acaba cortando a lógica de um padrão. Ou seja, tirando o cabelo, de resto é isso, é o cara que é o fodão, o cara que é o forte, no estilo nórdico. E que não está "pra" [sic] esse sentimentalismo.* (Serj, Rock).

> *Mas infelizmente, dentro do rap e da cultura hip hop, a gente ainda tem muito MC machista ainda. Sabe? É um ambiente ainda muito machista, onde predominantemente a gente encontra mais caras do que do que mina sabe? E ver muito mais uma certa como é que eu posso te dizer? dureza? Acho que essa palavra no jeito de se portar do que uma sensibilidade, mas hoje em dia sabe, graças a deus isso está muito menos latente sabe? Mas ainda tem aquela coisa sabe? Justamente por que se a gente for parar pra pensar assim o homem preto de periferia que veio do crime e tal tem que manter aquela imagem ou sabe?* (Zudizilla, Rap).

Ao analisarmos as narrativas elencadas anteriormente, é possível notar que os dois entrevistados buscam tensionar/denunciar representações de masculinidades juvenis que estão ligadas às práticas machistas e, segundo eles, hegemônicas, presentes nos estilos musicais de sua preferência. Na primeira narrativa, Serj aponta que há práticas no *rock*, mais precisamente, na vertente do *heavy metal*, que acabam por reforçar o que ele denomina como masculinidade: ser o "fodão", o mais forte, que não demonstrará um sentimentalismo, o que se aproxima de uma representação de masculinidade "nórdica", ou seja, que está relacionada a uma cultura advinda dos países do norte da Europa, tais como Noruega, Dinamarca, Finlândia e Suécia.

Conforme a pesquisadora Manuela Belen Calvo (2020), na cultura do *heavy metal* muitos adeptos buscam significações, discursos e processos simbólicos oriundos de culturas bárbaras, como os guerreiros *vikings*, que habitavam esse norte Europeu. Em função disso, muitos comparam o uso

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

dos cabelos longos e bagunçados com as características estéticas desses guerreiros. A autora também menciona que há referências da cultura dos "Conflitos bélicos/Guerras", "Deuses e Demônios antropomórficos" e "Bikers" como fonte temática para representações agressivas e viris de masculinidades.

Na segunda narrativa, Zudizilla, que é um jovem pertencente ao rap, tensiona as representações de masculinidades machistas que estão presentes ainda em sua cultura juvenil. Segundo esse entrevistado, encontramos espaços em que existe a presença predominante de homens, e esses acabam reproduzindo posturas machistas e excludentes às mulheres. No entanto, sua narrativa parece tensionar essa dimensão ao afirmar que "isso, hoje, está menos latente". Em outra fala, o entrevistado menciona que os MCs reproduzem práticas/posturas relacionadas a representações de "dureza", o que os impedem de demonstrar sensibilidade. Para Zudizilla, há uma relação da "dureza" com a origem dos homens que participam da cultura do rap, os quais, em sua origem, são homens pretos periféricos, assim tendo que manter essa imagem de "durão". No que tange a essa representação de masculinidade agressiva ou até mesmo machista, Inácio (2019) e Barbosa e Pires (2022), discutem que, apesar de o rap, um dos pilares da cultura do hip-hop, ser um estilo musical que busca construir narrativas sobre expectativas de futuro, amor e sexualidade, o sexismo, a masculinidade machista, agressiva e violenta, a qual também possui representações de masculinidade tóxica, ainda é um desafio nesse movimento cultural.

Embora apresentem argumentos que poderiam ser relacionados a representações de masculinidades hegemônicas/tóxicas, as narrativas dos nossos entrevistados a seguir tensionam representações do homem jovem que estão ligadas a ter que "ficar/pegar as mulheres" e ou ainda ser "talarico". Na sequência, destacamos duas narrativas:

> *Se esse cara aí tá lá em cima do palco, tá pegando 30 mina ali e 30 stripper e não sei o que. Eu também quero ser esse cara entendeu. É o caminho que eu não fui, eu queria ser o cara que estava ali tocando e não porque estava por ir pra ficar pegando 30 mina entendeu. [...] E aí o cara acaba querendo se afirmar mais másculo né, porque quer ser o Rockstar, quer ser o cara que vai estar no meio de um monte de mina e que aí elas vão gostar de ti por causa do teu estilo, por causa do jeito de tu agir né? Então eu acho que sim o Rock com certeza degrada a imagem das mulheres na parte cultural de convivência sim. (Slash*, Rock).

> *Tem uma regra de expressar o que é masculinidade dentro do Rap. De tipo tem que ser mais macho, mais forte, o que atira melhor, o que pega mais as meninas, que usa ele pega as meninas dos outros caras, então tipo tem a cultura do talarico, tem a cultura do talarico, mas assim como é mal visto por que tu tá sendo talarico pegando as mulheres teus amigos, ainda assim tu é o garanhão entendeu? Quando tu fala em uma batalha de rap por exemplo, tu fala que vai pegar a mulher do cara por exemplo, então tem esses dois lados mas sim sempre uma auto afirmação absurda da masculinidade*. (Djonga, Rap).

Na primeira narrativa, Slash tensiona e denuncia a presença de jovens que vão para os shows de rock inspirados nas representações dos rockstars ou aos músicos que estão em cima do palco e demonstram representações desse "homem jovem que é rodeado por mulheres". Em sua fala, Slash também menciona que buscou, ao longo de sua história nesse estilo musical, distanciar-se dessa representação de estar nos ambientes do rock com a intenção de conquistar mulheres. Ele afirmou

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

estar no rock porque queria "estar tocando" seu instrumento, curtindo a sua cultura juvenil, sem precisar praticar essa representação.

Na segunda narrativa, a representação de masculinidade apresentada por Slash, relacionada às práticas dos homens jovens desejarem estar com o maior número de mulheres, também se faz presente. Nesse sentido, o entrevistado Djonga problematiza algumas performatizações/representações como ser o mais macho, o mais forte, o que "pega mais as meninas". Esse entrevistado, ainda, vai além ao denunciar/tensionar os homens que se relacionam com mulheres de amigos (que ele nomeia como o cara "talarico"). Esses são, ao mesmo tempo, descritos por alguns companheiros como importunos, "mal vistos" e, entre os outros homens do grupo, são taxados "positivamente", como os "garanhões".

Dessa forma, em ambas as narrativas, Djonga e Slash denunciam as representações de masculinidades hegemônicas e machistas existentes em suas culturas juvenis. Conforme algumas pesquisadoras, como Alice Leão e Mayane Monteiro (2022), dos campos teóricos dos Estudos de Gênero e das Masculinidades, na vertente pós-estruturalista, as teorizações que envolvem o modelo de masculinidade hegemônica apontam para o falo como sendo um princípio de poder. Desse modo, para os demais homens, "não basta ter nascido com o órgão reprodutor masculino, é preciso ser merecedor dele, no sentido simbólico, ou seja, validá-lo dentro de um padrão de comportamento esperado por homens e para homens." (Leão; Monteiro, 2022, p. 199).

Desse modo, as práticas sociais tensionadas por Djonga e Slash estão relacionadas aos comportamentos de representações de validação masculina, em que esses jovens são testados por meio de condutas da virilidade e força física, as quais estão presentes em características como: ser o mais macho, o mais forte, não demonstrar sentimentos, ter um envolvimento sexual com o maior número de mulheres possível. Nesse sentido, esses jovens, ao tensionarem e denunciarem essas representações de validação masculina, existentes em suas culturas juvenis, indicam formas de masculinidades hegemônicas presentes em seus círculos de vivências e buscam fugir dessas representações.

Dentre alguns trabalhos empregados na construção de nosso referencial teórico, muitos aproximam as representações de "rappers" a imagens de masculinidades ditas como agressivas e combativas. Entretanto, em uma das nossas narrativas, Criolo mencionou que:

> *O que eu vejo, que tem sim uma expectativa de postura, e até um pouco associada com uma visão de masculinidade. Mas eu vejo que não é essa de masculinidade, mas sim a questão de um comportamento um tanto mais, um pouco mais, agressivo, de combate, de enfrentamento, que é lido como masculinidade entendeu. Porque tem todo uma questão por traz de um ambiente, de uma periferia, de vozes de pessoas que não são escutadas, de pessoas que são marginalizadas, e tratadas como bandidos, alheias a sociedade em si. Mas então tem sim uma postura. Uma postura mais sisuda, que é confundida com masculinidade. E eu vejo que isso também se aplica as mulheres*. (Criolo, Rap).

Santos (2015) pontua que muitos cantores de rap buscam transmitir, para o seu público, um contexto de guerra urbana, afirmando que, diante desse contexto, é preciso enfrentar e se defender da violência proveniente dessas relações sociais conflitantes. Assim, os rappers, com o intuito de reali-

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

zarem essa tarefa, produzem e reproduzem discursos que expressam emoções iguais ou semelhantes a esse status social que eles criticam em suas músicas. Isso é percebido nas canções do Racionais MCs, do grupo Facção Central, do rapper Sabotage ou, ainda, representado nas músicas de rappers da nova geração, como o próprio rapper Criolo e o rapper Emicida, que verbalizam, em suas músicas, essas representações agressivas e combativas.

A partir dessa perspectiva, encontramos, na literatura, associações do rap a representações de agressividade, seriedade e, do mesmo modo, à virilidade, que, conforme Sandra Mara Santos (2015, p. 71), é apresentada "por meio de demonstração de firmeza física, de vozes grossas, rostos sérios e de outras posturas semelhantes". No entanto, por meio de nossos entrevistados que se sentem pertencentes à cultura juvenil do rap, também encontramos novas formas de representação de masculinidades, as quais buscam o distanciamento desses modelos "pré-estabelecidos", apesar de ainda terem que ser "confrontosas" ou de "terem que colocar o dedo na ferida". Esses exemplos podem ser percebidos na narrativa de Zudizilla, quando ele afirma que:

> *Hoje em dia a gente consegue ser de irmandade mais forte, Sabe? Maneira de tu conseguir dizer pro teu irmão, um eu te amo, tá ligado? Dizer nas músicas que tu tá junto com teus amigos, que tu sentes amor por eles. Que eu acho que a sensibilidade ao longo do tempo conseguiu ser mais evidente. E ainda que eu ache que possa ser mais sensível, o Rap ainda tem essa fita confrontosa, e eu acho que tem ter porque é um bagulho que é tipo dedo na ferida do sistema sabe?* (Zudizilla, Rap).

Nesse fragmento de narrativa, notamos que há um movimento de introdução de diferenciadas representações de masculinidades no *rap*, que permitem aos homens demonstrarem sentimentos, como amor e carinho por seus amigos, mesmo que colocando o "dedo na ferida do sistema". Esse mesmo entrevistado relatou que:

> *E eu não sou um cara que é muito tipo brutão assim, tá ligado? Eu me considero uma pessoa mais sensível. Então quando eu consigo sentir aquele equilíbrio entre uma certa sensibilidade, encontrar uma outro tipo de musicalidade dentro do rap, outro tipo de jeito de se portar. Sempre uma coisa que me chama atenção*. (Zudizilla, Rap).

Segundo podemos analisar, Zudizilla igualmente se descreve como sendo uma pessoa sensível, ao afirmar que: "não sou um cara brutão". Assim, ele nos apresenta uma possibilidade de representação de masculinidade sensível, que age de maneira ortodoxa aos comportamentos relacionados a modelos hegemônicos de masculinidades.

Em outra narrativa da cultura juvenil do rap, Criolo, que se apresentou como sendo um homem gay, ao ser questionado a respeito do que ele entendia de masculinidade, mencionou que "*a masculinidade é uma coisa que as pessoas esperam de mim, é uma coisa que as pessoas esperam de mim como um pré-requisito*" (Criolo – Rap). Mas acrescentou que:

> *Agora pra mim, o que constitui a minha masculinidade é ser o que eu gosto de ser, partindo do princípio que eu me identifico como homem, ai tudo que eu me identifico como homem, tudo que eu fizer vai ser masculino. Aí é essa questão que eu falo, que tipo, não faz sentido essa questão de gênero, porque tipo assim, pra eu ser homem envolve passar um lápis de olho. Que pra outras pessoas isso não é ser homem, mas assim, se eu sou homem, e eu acredito que eu seja homem, e eu faço*

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

> *coisa de homem, não é o lápis de olho ou um gloss, que vai me deixar de ser um homem. Ai por isso que eu falo que a masculinidade é uma questão ao meu ver de expectativa das pessoas*. (Criolo, Rap).

Nesse sentido, Criolo problematiza, por intermédio de sua fala, que há, na sociedade, uma existência de expectativas relacionadas aos jovens ou, no caso, no que toca a ele, de esperarem que represente modos de representação de masculinidades já pré-estabelecidos culturalmente pela sociedade. Contudo, a partir de seu entendimento de mundo, o que constitui sua masculinidade são todas as suas práticas, e não aquilo que as pessoas esperam dele. Desse modo, como ele explicitou: "*pra eu ser homem envolve passar um lápis de olho* [...] *não é o lápis de olho ou um gloss, que vai me deixar de ser um homem".* Logo, Criolo deixa claro que não são os marcadores sociais que farão ele se sentir menos homem.

Desse modo, tanto Criolo, como Zudizilla, em suas narrativas, fazem referência/associações a representações de masculinidades plurais. Assim, esses sujeitos problematizam as identidades relacionadas ao homem jovem que podemos nomear como centrais/hegemônicas presentes no *rap*. Em vista disso, em ambas as narrativas, encontramos falas de sujeitos que buscam "escapar" dessas lógicas centrais, mas que ainda desejam encontrar uma identidade nessa cultura juvenil. Dessa forma, esses jovens criam identidades relacionadas ao *rap* e às formas de vivenciar suas masculinidades.

É importante destacar que os autores Antonio Carlos de Oliveira, Leandro Teófilo de Brito e Paulo Victor Leite Lopes (2023) observam que há pesquisas nesse campo teórico que elucidam novas perspectivas de representações de masculinidades, que as distanciam de traços rígidos, os quais foram historicamente associados a uma única forma masculina de estar no mundo. De modo mais específico, Brito (2021), tensiona as disputas sociais dos sentidos sobre as masculinidades no esporte brasileiro, produzindo um estudo a respeito das representações de masculinidades queer/cuir/kuir que se traduzem em um "horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino." (p. 10). Nesse viés, o autor reconhece as significações do masculino para além do essencialismo binário, heterossexual, cisgênero, materializando essas significações em corpos de sujeitos plurais.

A partir disso, podemos relacionar tais representações de masculinidades apresentadas pelos teóricos às narrativas de Zudizilla e Criolo, ambos da cultura juvenil do rap. Entretanto, também podemos relacionar tais representações de masculinidades plurais/dissidentes e queers às narrativas dos entrevistados próximos ao *K-pop*. Isso pode ser observado nas falas a seguir:

> *Ah não sei sabe, é um pouco complexo pra mim. Até porque eu não me enxergo com o gênero em que nasci. Então seria um pouco difícil falar de masculinidade. Mas acho que posso falar por influência de um grupo O BTS. Eles sempre citaram que você deveria ser você mesmo. Fazer as coisas na qual se sente bem. E que ninguém deveria lhe apontar o dedo por isso. Acho que é exatamente assim que um garoto no meio do K-pop deveria se sentir. Tem que se divertir, curtir teus gostos. Isso não vai afetar menos ou mais a tua masculinidade*. (Hyuna, K-pop).

> *Sim, já havia ouvido falar sobre masculinidade, particularmente sou bem ligado a esses assuntos de Identidades de gêneros, Sexualidades e afins. Eu diria que não me identifico por nenhum gênero, o que seria "Não binário", embora use*

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

> *normalmente pronomes masculinos, gênero não faz diferença para mim*. (Siha, K-pop).

Nas narrativas anteriores, os jovens se apresentam como não se identificando com o gênero em que nasceram e buscam se distanciar dessa lógica do essencialismo binário, heterossexual, cisgênero. Hyuna e Siha buscam se aproximar de representações/significações de sujeitos plurais/dissidentes (Brito, 2021; Brito, Couto Junior, 2019). Em outro momento da entrevista com Hyuna, ao discutirmos sobre o gênero com o qual ele se identificava, ele comentou:

> *Me identifico como não binário. Não me vejo como garoto e nem garota. Pra falar bem a verdade eu não sou uma pessoa de rótulos. Aceito qualquer pronome. Só não gosto que me vejam como 1 só. Ah "se veste como garoto, é garoto". Ah "se veste como menina, é uma menina". "Cortou o cabelo, virou macho". "Deixou crescer, virou florzinha". Eu nem dou bola. Enquanto a alma que habita meu corpo falar que eu devo mudar, eu vou mudar. Acredito que todos passam por grandes mudanças, só não se tocam disso.* (Hyuna, K-pop).

Desse modo, Hyuna e Siha, a partir de suas falas, permitem-nos tensionar as representações de masculinidades presentes no K-pop. Por mais que o termo masculinidade *queer* não seja um enquadramento identitário (Brito, 2021), essa construção teórica nos possibilita relacionar as narrativas dos jovens do K-pop a essa busca por rupturas relacionadas às estabilizações de sentidos designados ao masculino.

De acordo com Brito (2021), a masculinidade *queer* nega as estabilizações sedimentadas no que tange aos homens e enuncia performatizações que jamais se cristalizam. Nesse sentido, para tensionar tais representações de masculinidades juvenis, buscamos uma aproximação com a filósofa Judith Butler (2014), que defende a performatividade de gênero como sendo uma possibilidade de descrever os processos de representação produzidos como condições ou possibilidades de performances. Cabe ressaltar que a autora menciona, em sua obra, que essa teoria não prescreve quais performances seriam as "corretas" ou quais seriam as "dissidentes, mas sim indica que a performatividade de gênero busca denunciar as arbitrariedades estabelecidas pelas normas, de modo a proporcionar aos sujeitos dissidentes que vivenciem uma vida mais vivível (Brito, 2018).

Dessa forma, a desestabilidade proporcionada pelas performatizações de masculinidades plurais/dissidentes/queers, potencializam uma diversidade de sujeitos e corpos, que almejam um posicionamento que possa marcar a diferença sobre suas significações de masculino. As representações apresentadas nas narrativas dos jovens do *K-pop* (Hyuna e Siha) e do rap (Criolo e Zudizilla) se apresentam como representações de sujeitos que estão, a todo momento, buscando fugir de uma ideia fixa de masculinidade, tentando fugir da ideia de uma masculinidade central. Assim, torna-se possível um intercambio por demais formas de vivenciar suas juventudes.

6. APONTAMENTOS FINAIS

A partir das interlocuções realizadas com as narrativas dos homens jovens participantes desta pesquisa, foi possível produzir uma análise. Essa, por sua vez, tensionou o fato de as masculinidades se expressarem e serem representadas de forma plural nos diferentes estilos musicais aos quais os entrevistados pertencem.

Revista Thema
v.24 | n.2 | 2025
p.1-19
DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

Dessa forma, com base nas narrativas desses jovens, percebemos que há, na indústria cultural relacionada aos estilos musicais aqui investigados, uma construção de pedagogias de formas a produzirem e reproduzirem representações de masculinidades juvenis contemporâneas para os jovens do *rock*, do *rap* e do *K-pop*. Exemplos dessa dimensão foram apresentados nas narrativas associadas às representações de homens jovens que produzem e reproduzem práticas relacionadas às masculinidades hegemônicas que existem, principalmente, nas culturas juvenis do *rock* e do *rap*. Nessas duas culturas ainda são encontradas representações do homem viril, "fodão", guerreiro, de cabelo comprido, que se inspira nos guerreiros nórdicos ou nas gangues de motoqueiros fora da lei dos Estados Unidos. Ainda, em se tratando do r*ap*, existe uma imagem baseada nas representações do homem rapper gangster, o qual tem que ser bruto, não pode ser sensível nem demonstrar emoção.

Por outro lado, encontramos, a partir das falas dos nossos entrevistados pertencentes a essas culturas juvenis, narrativas de homens jovens que (re)constroem e (re)significam outras formas de representações de masculinidades juvenis contemporâneas em suas vivências no rock e no rap. Isso não significa que eles rompam com seus gostos pessoais relacionados às músicas ou às formas de vivenciarem suas culturas juvenis. Na verdade, o que esses sujeitos homens buscam é resistir, abrir brechas para novas formas de ser homem, com a finalidade de romperem com a ideia de performatividade, de ser homem como algo ligado a traços hegemônicos nas suas culturas juvenis de que fazem parte.

Como mencionado, as produções culturais do *K-pop* são recentes no Brasil, e na cidade do interior investigada, as suas produções culturais ocorrem através de práticas diferentes do rock e do rap, elas estão ligadas aos jovens participarem de campeonatos de dança, em modalidades individuais ou em grupos, em que esses jovens performam músicas de grupos consagrados da Coréia do Sul, como o BTS. Todavia, foi possível constatar, no decorrer deste estudo, que o *K-pop* já chegou no Brasil, na primeira década do século XXI, como um estilo musical que tem, em sua gênese, praticantes dessa cultura juvenil que buscando romper com as práticas hegemônicas e, até mesmo, com as lógicas binarias relacionadas ao gênero e à sexualidade dos sujeitos. As narrativas dos nossos entrevistados que pertencem ao *K-pop*, corroboraram para tais aproximações, visto que os três entrevistados produziram falas em que ficou claro um distanciamento das representações de masculinidades "tradicionais/hegemônicas". Desse modo, ficou perceptível o fato de que todos buscavam formas de representações plurais/dissidentes/queers. Compartilhamos, com Dayrell (2002, p. 119), o seguinte entendimento:

> O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto, a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza (DayrelL, 2002, p. 119).

Encerramos esta escrita destacando que a vivência em (e com) diferentes estilos musicais, assim como em outras dimensões da cultura, colocam-se como espaços profícuos para análise,

DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

compreensão e problematização de diferentes modos de ser e de viver as juventudes e as próprias masculinidades. A realização da presente pesquisa permitiu compreendermos que as representações de masculinidades se apresentam de forma plural. Assim, em suas narrativas, os entrevistados contestaram formas essencialistas de ser e de viver suas masculinidades, buscando, inclusive, modos de masculinidade dissidentes/*queers*, como forma de potencializar a diferença sobre suas próprias (re)significações acerca do masculino. Cabe questionar: estará a sociedade, em suas mais diferentes instâncias, acolhendo ou refutando tais masculinidades? Saibamos nós, pesquisadores, por meio da escuta atenta e sensível, (re)compreender esses diferentes modos de viver as masculinidades no contexto atual.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. dos S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. *In*: MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. (orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Criticas em Educação**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 173–194.

ÁVILA, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. O que Esperar das Mulheres na Política? Uma Análise das Narrativas de Vereadoras da Região Sul do Rio Grande do Sul. **Revista Ártemis**, v. 19, n. 1, p. 119–129, 2015. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3054. Acesso em: 16 jun. 2022.

BARBOSA, C. de F.; PIRES, E. O. Movimento Hip-Hop na cultura brasileira: resistência, politização e decolonialidade. **Revista Debates Insubmissos**, v. 5, n. 16, p. 72–96, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/252242. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013, Estatuto da Juventude**. Brasília: Diário Oficial da União. 2013.

BRITO, L. T. de. **Enunciações de masculinidades em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer**. 2018. Tese de Doutorado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

BRITO, L. T. D. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. 1–14, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/79307. Acesso em: 3 mar. 2023.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249–274, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/Tp6y8yyyGcpfdbzYmrc4cZs/abstract/?lang=pt. Acesso em: 26 maio 2023.

CALVO, M. B. Masculinidades y feminidades en la música metal. **Con X**, n. 6, p. 1–28, 2020. Disponível em: https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/121146. Acesso em: 9 dez. 2022.

DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

CASTRO, S. de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 20, p. 75–82, 2018. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552. Acesso em: 7 maio 2023.

CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725. Acesso em: 7 maio 2023.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, abr. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 maio 2023.

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105–1128, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 22 out. 2022.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 117–136, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 maio 2023.

FEIXA, C. **De jovenes, bandas y tribus**: Antropologia de la juventud. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1999.

FELIX, J.; MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. **Metodologias de Pesquisas Pós-Criticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 133–152.

GOMES, V. M. **Entendendo o homem negro nos Racionais MC's: uma etnografia lírica**. 2019. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2019.

GROPPO, L. A. **Juventudes: Sociologia, Cultura e Movimentos**. Alfenas/MG: Universidade Federal de Alfenas, 2016.

HALL, S. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361. Acesso em: 21 jul. 2023.

HALL, S. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, S.; JEFFERSON, T. **Rituales de Resistencia**: Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de postguerra. Madrid: Traficante de Sueños, 2014.

INÁCIO, M. M. A construção da masculinidade e do machismo no rap. **Revista Subjetiva**, 2019. Disponível em: https://medium.com/revista-subjetiva/a-construção-da-masculinidade-e-do-machismo-no-rap-3074100ca70c. Acesso em: 7 nov. 2023.

JANOTTI JUNIOR, J. S. Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. *In*: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA

DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

COMUNICAÇÃO. XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003. Belo Horizonte: [*s. n.*], 2003.

LEÃO, A. A. M. P. de; MONTEIRO, M. Y. da S. Masculinidade Hegemônica e Velhice: a cristalização do velho homem. **Revista Perspectivas Sociais: entre a civilização e a bárbarie**, v. 8, n. 1, p. 198–208, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/percsoc/article/view/22608. Acesso em: 10 nov. 2022.

MARQUES, A. C. dos S.; FONSECA, R. L. A representação das mulheres no rap: instituindo espacialidades, quebrando barreiras. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 39, n. 11, p. 25–37, 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/158041. Acesso em: 9 out. 2022.

MONTEIRO, A. L. F. de M. **"Entre Razões e Emoções": uma análise da masculinidade no universo emo**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021. Disponível em: https://www2.ufjf.br/moda/colecao-tccs/defendidos-2021/. Acesso em: 9 out. 2022.

MORAES, M. L. B. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, v. 3, n. 2, p. 167–172, 2019. Disponível em: https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1482. Acesso em: 10 maio 2022.

OLIVEIRA, A. C. de; BRITO, L. T. D.; LOPES, P. V. L. Masculinidades Plurais. **O Social em Questão**, n. 55, p. 1–12, 2023. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61434/61434.PDF. Acesso em: 14 fev. 2023.

OLIVEIRA, E. C. B. de. **Do gangsta às minas: o rap do Distrito Federal e as masculinidades negras (1990 a 2015)**. 2017. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasilia, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

PACHECO, L. T. "Som de Macho": uma reflexão sobre identidade, masculinidade e alteridade entre os headbangers. *In*: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA E X REUNIÃO DOS ANTROPOLOGOS NORTE-NORDESTE, 2017. [*S. l.*: *s. n.*], 2017.

PAWLOWSKI, C. **As mulheres no Rock: as identidades femininas e o sujeito pós-moderno em letras de Rita Lee, Fernanda Takai e Pitty**. 2013. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Mestrado em Letras, 2013.

PORTILHO, J. G. M.; BRITO, L. T. D.; SANTOS, A. P. D. S. Produção acadêmica sobre masculinidades nos anais do congresso brasileiro/internacional de ciências do esporte. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1–21, 16 nov. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76309. Acesso em: 7 maio 2023.

ROBASKI, J. B. **Representações de Juventudes Sul-Coreanas: uma análise cultural do K-drama Hello, My Twenties!** 2019. Dissertação de Mestrado – Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019. Disponível em: https://www.ulbra.br/canoas/pos-graduacao/presencial/ppgedu/mestrado/dissertacoes-defendidas.

RUANI, R. M.; COUTO JUNIOR, D. R.; BRITO, L. T. de. Sentidos de masculinidades dissidentes através do uso do emoji de berinjela no Grindr. **Revista Internacional Interdisciplinar**

DOI: http://doi.org/10.15536/revistathema.24.2025.3493
ISSN: 2177-2894 (online)

INTERthesis, v. 18, n. 1, p. 1–20, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/73385. Acesso em: 23 fev. 2023.

SANTANA, A. G.; SANTOS, M. S. T. Práticas culturais urbanas: análise do comportamento das "Armys" - fãs do grupo de K-pop BTS. *In*: 42O CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2019. **Intercom - Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação** [...]. Belém: [*s. n.*], 2019. p. 1–19.

SANTOS, D. dos. **Como fabricar um gangsta: Masculinidades Negras nos videoclipes dos Rappers Jay-z e 50 Cent**. 2017. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26863. Acesso em: 14 fev. 2023.

SANTOS, S. M. **"Rap Florido": Reconhecimento Artístico, Amor e Relações de Gênero**. 2015. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista - Campus de Marilia, Departamento de Ciências Sociais, 2015.

SILVA, T. T. da S. **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 9ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

SOUZA, M. A. V. de. Os novos fluxos midiáticos da cultura popcoreana. **Galáxia**, n. 29, p. 297–300, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/gal/a/cpst3rQrtZBk73K4QFDj4mf/?lang=pt. Acesso em: 5 maio 2023.

UGARTE, A. B. **Positivos, cuidadosos, sensibles, naturales: Ser y pensarse varón en un grupo de jóvenes seguidores del K-pop en Lima**. 2020. Tese de Doutorado – Pontificia Universidad Católica Del Peru, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2020.

VARGAS, J. R. de. **O que ouço me produz e me conduz? A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia**. 2015. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

Submissão: 14/10/2023

Aceito: 22/09/2025